

Comportamento dominante masculino *versus* resistência feminina: diálogo entre as obras “Sapato de salto”, de Lygia Bojunga (2018), e “A dominação masculina” de Pierre Bourdieu (2002)

Ana Laura Ramme¹

Kaue Oselame²

Vitória Alana Esposito de Saibro³

Antonio Luiz Gubert⁴

Resumo: O presente trabalho foi produzido como requisito da unidade curricular de Língua Portuguesa e Literatura III, do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Xanxerê. Os objetivos deste trabalho são analisar as obras “Sapato de salto”, de Lygia Bojunga (2018) e “A dominação masculina”, de Pierre Bourdieu (2002) e relacioná-las, verificando pontos em comum em ambas, e demonstrar como esses pontos estão relacionados, bem como demonstrar como os indivíduos masculinos se autossobrepõem em relação às mulheres e como essas reagem aos atos. Como resultados, é possível citar que a interação entre os personagens femininos e masculinos dos livros mostra como o machismo e a violência (física e psicológica) afeta não somente as mulheres, mas também os homens.

Palavras-chave: Dominação masculina; violência; resistência feminina; Pierre Bourdieu; Lygia Bojunga

Abstract: This paper was produced as a requirement of the curricular assignature of Portuguese Language and Literature III, of the Technical Course in Food Integrated to High School, Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Xanxerê. The objectives of this work are to analyze the works “Sapato de salto”, by Lygia Bojunga (2018) and “Male domination”, by Pierre Bourdieu (2002) and to relate them, verifying points in common in both, and to demonstrate how these points are related, as well as demonstrating how male individuals overlap with women and how they react to actions. As results, it is possible to mention that the interaction between the female and male characters in the books shows how chauvinism and violence (physical and psychological) affects not only women, but also men.

Keywords: Male domination; violence; feminine resistance; Pierre Bourdieu; Lygia Bojunga

¹ Discente no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Xanxerê, rammeanalaura@gmail.com

² Discente no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Xanxerê, kaue.o@aluno.ifsc.edu.br

³ Discente no curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Xanxerê, vitoria.as@aluno.ifsc.edu.br

⁴ Docente da área de Linguagens do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Xanxerê, antoniogubert@gmail.com

Introdução

Durante todos os períodos da humanidade, o sexo masculino se autossobrepôs ao sexo feminino (BOURDIEU, 2002), e isso é facilmente percebido em qualquer situação que envolva a sociedade. Esse tipo de comportamento masculino pode ser percebido nas obras “Sapato de salto”, de Lygia Bojunga (BOJUNGA, 2018) e “A dominação masculina”, de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2002), mesmo sendo de escritores com especialidades e estilos de escrita diferentes.

O livro “Sapato de salto” (BOJUNGA, 2018) é um romance em que apresenta a história de duas crianças: Andrea Doria e Sabrina. Andrea Doria é um garoto que se envolve numa relação homoafetiva com Joel, gerando implicações na aceitação paterna. Rodolfo, seu pai, culpa friamente a mãe pela criação do filho - motivo que, segundo Rodolfo, o levava a ser homossexual. Sabrina, por outro lado, não teve família e foi abandonada quando criança. Após ser adotada é abusada sexualmente, mas então é resgatada por sua tia, e em seguida descobre o que aconteceu com sua família. Quando sua tia morre, ela começa a se prostituir para se sustentar, e sustentar a sua avó, que era louca. O livro retrata temas tabus da sociedade misturando drama e a realidade como pedofilia, abuso sexual, prostituição infantil, homossexualidade e como essas complicações perduram na sociedade e até mesmo no inconsciente dos afetados.

A autora Lygia Bojunga é reconhecida pela literatura infantojuvenil, abordando temáticas com as quais os jovens estão começando a se relacionar e a conhecer, como os afetos, mortes, medos, preconceitos, entre outros assuntos. Tem uma escrita descontraída e quebra o uso do português formal para usar um português mais usado informalmente, como se fosse uma conversa com o leitor (BOJUNGA, 2020).

O livro “A dominação masculina” de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2002), analisa a questão de gênero não necessariamente referindo-se ao masculino e feminino. Em sua obra, a questão da dominação masculina é tratada através de uma argumentação simbólica. Segundo Senkevics (2013), para Bourdieu “a dominação masculina seria uma forma de violência simbólica - a manutenção de um poder que se mascara nas relações”. O estudo da sociedade e seus mecanismos têm o intuito de observar um referencial teórico e comportamental, a fim de salientar acerca de elementos ocultos de dominação nas relações sociais, mantendo uma forma conservadora.

Sua abordagem também destaca as relações de rebaixamento das mulheres a apenas o oposto, trazendo repetidamente conceitos que relacionam masculino/feminino através de oposições como positivo/negativo, racional/sentimental, direita/esquerda, passivo/ativo e tantos outros. Fazendo referência a diversas obras de literatura, Bourdieu constrói uma análise sobre as minúcias e o que está por trás da violência explícita do machismo - que é apenas a ponta do iceberg.

O autor Pierre Bourdieu é um sociólogo francês, muito aclamado em sua área de pesquisa, mesmo sendo contemporâneo. Em suas obras ele utiliza procedimentos muito eficazes para as suas pesquisas, para cada vez mais os trabalhos das ciências humanas se fortalecerem como ciência, além de utilizar também a sua sociologia como “uma sociologia engajada, profundamente comprometida com a denúncia dos mecanismos de dominação em uma sociedade injusta” (SETTON, 2010).

Com base nos dois livros, os objetivos deste trabalho são analisar as duas obras principais e relacioná-las, verificando pontos em comum em ambas, e demonstrando como esses pontos estão relacionados, além disso, demonstrar como os indivíduos masculinos se autossobrepõem em relação às mulheres e como elas reagem.

Dominação masculina *versus* resistência feminina

A constante no comportamento de dominação masculino

Primeiramente, em análise das obras relacionadas neste trabalho, é visível a relevância do comportamento masculino para suas produções. Ambas as obras entram em sintonia e se completam quando se trata dos reflexos do androcentrismo em toda a organização social contemporânea - Bourdieu (2002), explicitando as formas como o machismo se desenvolve e a sua estrutura, e Bojunga (2018) retratando em seu romance os reflexos dessa cultura em seus personagens masculinos, bem como de qual forma essa conjuntura afeta as mulheres presentes na trama.

Em “Sapato de salto”, são explícitas as atitudes machistas e violentas tomadas por homens em diversas posições de dominância. Essas atitudes, n’A dominação masculina (BOURDIEU, 2002), são explicadas como não somente pessoais - vindas de homens individualmente - mas parte de uma estrutura, conforme a citação:

Ora, longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 2002, p. 46).

Essas formas de violência acontecem por relações de poder impostas pelos personagens masculinos, a exemplo do Seu Gonçalves, que, no início do livro, ao adotar Sabrina, começa a dar presentes a ela. A partir desse momento, passa a abusar sexualmente da criança, ainda sob o respaldo de ser seu responsável, aquele que a sustenta e utiliza dos presentes como desculpa para atos vis.

Ademais, no comportamento do homem que antes era um amigo e até ensinou Sabrina a ler e escrever, pode-se perceber um exemplo claro de mais um reprodutor da cultura da pedofilia. Essa, da qual pouco se fala, é uma das formas de dominância estabelecidas, na maioria das vezes, entre homens mais velhos e meninas jovens, através do abuso sexual.

No livro de Pierre Bourdieu, pode-se encontrar diversos exemplos, como quando expõem que os homens tendem a estar insatisfeitos com partes “pequenas demais” de seus corpos mas, principalmente, que mulheres preocupam-se com parecerem “grandes demais” (BOURDIEU, 2002, p. 82). Essas preocupações sutilmente descrevem as relações que são feitas em comportamentos voltados à pedofilia.

Não somente no Seu Gonçalves, mas também no açougueiro, o desejo e inescrupulosidade ao abusar de uma criança são muito visíveis. O homem tem plena consciência do que faz, e, quando a garota vai lhe cobrar pelo programa, ele ainda não lhe paga o valor estabelecido, mostrando desprezo por ela.

– Ei, pera aí! – Quase num salto, a Sabrina se pôs na frente dele. – E o dinheiro?
O açougueiro procurou no bolso; estendeu uma nota pra Sabrina.
– Não foi isso que a gente combinou – ela falou com firmeza.
O açougueiro teve uma ligeira hesitação; tirou do bolso outra nota e deu pra ela.
– Nem isso – ela disse, enfiando dentro da blusa as duas notas. – A gente combinou que era trinta, falta mais dez.
– Você não é nenhuma Inês, tá começando agora. Vinte tá muito bem pago.
– Afastou a Sabrina com o braço do mesmo jeito que afasta o mato e seguiu em frente.
– Dá um tempo pra voltar! – recomendou outra vez. Ela ficou um tempo parada; depois se virou pro rio. (BOJUNGA, 2018, p. 165).

Rodolfo, marido de Paloma na história de Lygia, também tem uma postura dominadora, mas, ao contrário da violência física, faz uso da violência simbólica, que, segundo Bourdieu

(2002, p.47), se institui pela adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante. Essa violência simbólica, no caso do casal, acontece por razões financeiras, pois Rodolfo alega que sustenta a família e que deve ter, portanto, autoridade sobre ela. “- E... só por curiosidade... nessa nova administração que madame quer introduzir na casa... quem é que paga as contas?” (BOJUNGA, 2018, p. 248).

Seu comportamento grosseiro se agrava quando sua esposa perde a criança que esperavam na hora do parto -pois ela insistiu em um parto natural, que não foi possível. O homem se embasa em preceitos como “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção[...]” (BOURDIEU, 2002, p. 18), e que, portanto, está agindo de forma legítima.

Andrea Doria, ao contrário da mãe, sofreu agressões físicas do pai. Como dito em “A dominação masculina” (BOURDIEU, 2002, p. 64), os privilégios também se voltam contra os homens, exigindo provas de virilidade, as quais Andrea não demonstra ao longo da trama. Além disso, Rodolfo não aceita as aulas de dança nas quais o garoto se inscreve, e, somadas ao relacionamento do filho com Joel, o pai se prende

[...] no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de "quebrar a cara" diante dos "companheiros" e de ser ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos "fracos", dos "delicados", dos "mulherzinhas", dos "veados". (BOURDIEU, 2002, p. 66).

Em um momento de extrema violência, Rodolfo usa um chicote para açoitar o menino, e aclama exaltado: “- Pra você deixar de ser um fresco! (primeira chibatada); pra aprender a ser homem! (segunda); na terceira Paloma se meteu no meio, e, se não é o Andrea Doria empurrar ela, tinha sobrado pra Paloma também” (BOJUNGA, 2018, p. 227).

Não bastando o pai não o aceitar, Andrea Doria também sofre em uma espécie de relacionamento abusivo com um garoto mais velho, Joel. Em inúmeros momentos, Andrea se sente chateado com o comportamento do amigo e parceiro, como quando, à espera de Joel, ele pensa “Mas é mentira! é mentira! ele vem sempre com essa história de que me ama. Ele só me ama naquela hora!”. Apesar de ambos serem homens, a relação ativo/passivo, uma relação de dominância, está ali presente, também destacada em

Sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de "potência", um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade "feminizando" o outro) e que é a este título que,

entre os gregos, ela leva aquele que a sofre à desonra e à perda do estatuto de homem íntegro e de cidadão; ao passo que, para um cidadão romano, a homossexualidade "passiva" com um escravo é considerada algo "monstruoso". (BOURDIEU, 2002, p. 31).

O autor também retoma o tema na página 144, em um capítulo voltado exclusivamente para as relações homossexuais. Nesse, reforça que, mesmo entre dois homens, a “feminilização” de um dos dois ocorre, assegurando o princípio ativo (penetrante)/passivo (penetrado), aplicando assim a mesma lógica para as relações masculinas de dominação (BOURDIEU, 2002, p. 144).

- E até hoje acha. E sempre que a gente discute ele bate outra vez nessa tecla. E nesse dia que ele viu o Joel e o Andrea se beijando ele ficou doidinho: disse que ia dar uma surra no menino pra ele aprender que homem não é coisa de outro homem beijar na boca. (BOJUNGA, 2018, p. 72-73).

O personagem Leonardo, irmão de Paloma, é uma das poucas exceções a esses tipos de comportamentos masculinos dominantes, pois sempre está ajudando a sua irmã, e se colocando no lugar dela e dando conselhos bons. Por exemplo, na vez que ela desabafa para seu irmão sobre o fato de ter perdido Betina, e que contrariamente ao seu marido, ele sabia que a culpa não era dela, ajudando-a a se recuperar (BOJUNGA, 2018, p. 182 - 197).

Leonardo também está sempre tratando todos como seus iguais, como por exemplo no capítulo “Outra vez no banco do largo da sé”. Nesse, em um papo descontraído com Andrea Doria, acaba escutando e entendendo o lado de seu sobrinho, que estava com muitas questões sobre a sua própria vida pessoal.

Consequente ao mesmo pensamento de uso da violência, o ato de ter poder sobre alguém é refletido no personagem “Assassino”, o qual acha que tem o direito de se deitar com Inês e tê-la novamente ao seu dispor. Isso fica reforçado ainda mais quando a tia de Sabrina diz ter sentimentos sobre o homem: “[...] Tenho que acompanhar o homem que é a paixão da minha vida, vê se entende!” (BOJUNGA, 2018, p. 124). Ao se aproximar de Inês, o Assassino utiliza da covarde estratégia de dominação pelo uso do “[...] *amor fati*, que é o amor do dominante e de sua dominação, *libido dominantis* (desejo do dominante) [...]” conforme a página 98 de A dominação masculina (BOURDIEU, 2002, p. 98). Esse recurso facilita a ação do dominador, que, no caso do criminoso, foi fortemente repelida, desenrolando-se no assassinato de Inês.

Outra forma clara de dominação é a do uso do corpo de Inês para lucro próprio, desconsiderando-a como ser humano completo e igual a ele. Pierre faz alusão a Anne-Marie Dardigna, citando que muitas vezes se faz “do corpo feminino, literalmente, um objeto que pode ser avaliado e intercambiado, circulando entre os homens ao mesmo título que uma moeda” (BOURDIEU, 2002, p. 67).

Resistência feminina: como as personagens enfrentam o que lhes é imposto

Em contraposição ao comportamento masculino, no livro Sapato de salto (BOJUNGA, 2018) pode-se encontrar diversos exemplos de resistência feminina. Essas atitudes contrariam o padrão descrito em A dominação masculina (BOURDIEU, 2002), que relata como as mulheres são submetidas à violência - simbólica e física - e que, por conta disso, na maior parte das vezes, acabam se tornando submissas.

Em primeira análise, a personagem Inês, tia de Sabrina, exemplifica o que acontece com muitas das mulheres em má situação econômica: cair no mercado da prostituição. Além de sua condição social desfavorável, quando mais jovem, Inês se apaixona por seu cafetão, que era extremamente abusivo com ela.

Situações como a de Inês são muito recorrentes e, ao contrário de homens que passam por essas adversidades, é comum que as mulheres se direcionem à prostituição como única alternativa para não passar por necessidades. Isso acontece, principalmente, pela demanda masculina por esses serviços, atrelada a uma construção social explicada por Bourdieu (2002), como no seguinte trecho de sua obra:

Ao fazer intervir o dinheiro, certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objetos e ao sacrilégio que consiste em transgredir a lei segundo a qual o corpo (como o sangue) não pode ser senão doado, em um ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência. (BOURDIEU, 2002, p. 26).

Esse ato de transgressão é inerente aos desejos de homens, como no caso dos clientes de Inês, e também a personagens específicos, como o açougueiro. A menina Sabrina, quando em dificuldade, se expõe em idade muito precoce a esse tipo de violência exercida por homens.

Logo, atrelada às atividades exercidas temporariamente por Inês e Sabrina, temos o objeto principal, do qual a obra de Bojunga (2018) gira em torno - o Sapato de salto. Por muitos é visto e ressignificado como instrumento de empoderamento, era a paixão de Inesinha. Em

seus sapatos, ela escondia o dinheiro que ganhava com as aulas que dava, do qual, juntamente com os sapatos em si, Sabrina se apossou para sustentar a si e a sua avó.

Após a morte de sua tia, quando Sabrina decide usar os saltos, pode-se perceber que ela quer aparentar ser mais velha. Seu corpo e rosto infantis contrastam com os calçados adultos, e ali se estabelece um processo de adultização e hiperssexualização precoce da menina.

A vestimenta é também tema de debate no livro de Bourdieu (2002). Em diversas passagens, a obra retrata como a forma de se vestir dizia sobre “os princípios fundamentais da arte de viver feminina, da boa conduta” (BOURDIEU, 2002, p. 37), e de como as mulheres, desde cedo, aprendem como se vestir conforme suas idades.

Segundo a obra do mesmo autor, o salto alto, bem como os outros tipos de roupa femininos, são também instrumentos de limitação de suas atividades. No trecho a seguir, o questionamento à incapacitação dos movimentos das mulheres fica explícito.

[...] ora com algo que limita de certo modo os movimentos, como os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades (a corrida, algumas formas de se sentar etc); ora só as permitindo à custa de precauções constantes, como no caso das jovens que puxam seguidamente para baixo uma saia demasiado curta, ou se esforçam por cobrir com o antebraço uma blusa excessivamente decotada, ou têm que fazer verdadeiras acrobacias para apanhar no chão um objeto mantendo as pernas fechadas. (BOURDIEU, 2002, p. 40).

A interpretação da restrição de movimentos, por Pierre, e ao mesmo tempo a sensualidade refletida por Inês, estão diretamente ligadas com a interpretação de fácil dominação pelos homens. Essa sensação, por vezes, pode atenuar relações de poder com as presentes ao longo d'A dominação masculina (BOURDIEU, 2002) - em cima/embaixo; ativo/passivo; opressor/oprimido.

Todavia, contrária a manter esse tipo de relação de poder, Inês contesta o Assassino:

- Não quero mais você! - Recua. - Ele me ajudou: primeiro, dando sumiço em você. Sabe qual foi a primeira coisa que eu fiz quando disseram que você tinha morrido? Olhei para o céu e disse: saquei, São Jorge, saquei: essa morte já é o senhor me facilitando o caminho; agora me dá garra pro resto. E ele deu, tá bem? Olha pro meu nariz, pro meu braço, pra mim toda! Nunca mais cheirei, nunca mais me piquei, nunca mais merda nenhuma daquela droga toda. (BOJUNGA, 2018, p. 137).

Ao ter essa atitude, a personagem demonstra quebrar o vínculo com seu abusador, tendo uma atitude contrária ao esperado dela e desafiando o seu opressor. Também pode-se ressaltar,

dentre esse tipo de relação de poder, o exemplo de Paloma e Rodolfo. Paloma é uma mulher que teve acesso a estudo e sabe impor-se quando necessário. Todavia, quando se casou, a mulher passou a aceitar passivamente as ordens e vontades do marido, cuidando da casa e dos filhos, enquanto ele sustentava a casa financeiramente.

Durante uma crise no relacionamento, por conta da morte de Betina, filha do casal que não resistiu ao parto, Paloma tem contato com a menina Sabrina e sua avó, dona Gracinha. Após ficar ciente da situação da menina, e observando a amizade que existe entre ela e seu filho, a mulher decide adotar a menina e a avó.

Rodolfo, após vários protestos não aceitos pela esposa, decide, então, sair de casa, ameaçando a mulher. Bourdieu (2002), em sua obra, retrata a triste realidade de muitas mulheres que se obrigam a permanecer em relacionamentos:

O exercício legítimo da sexualidade, embora possa parecer cada vez mais liberto da obrigação matrimonial, permanece ordenado e subordinado à transmissão do patrimônio, através do casamento, que continua sendo uma das vias legítimas da transferência da riqueza. (BOURDIEU, 2002, p. 115).

Todavia, Paloma aceitou o desafio de sustentar a casa - que era de sua posse - e seus residentes, assim, deixando Rodolfo ir embora, apesar de ainda o amar. Mais uma vez, pode-se notar uma atitude subversiva de uma mulher no livro de Lygia, afirmando a quebra das relações de poder existentes na sociedade.

Ruptura

Ambas as obras trazem perspectivas interessantes - que, por vezes se completam. A interação entre os personagens femininos e masculinos dos livros mostra como o machismo e a violência (física e psicológica) afeta não somente as mulheres, mas também os homens.

A criação dada aos homens, assim como a segurança sentida por eles em idade adulta para colocarem-se em posição de superioridade, cria conflitos na sociedade embasados pelo machismo e misoginia. Esse contexto leva pessoas do sexo masculino a reprimirem seus sentimentos, terem atitudes violentas e serem incompreensivos, gerando problemas psicológicos e de autoestima.

Em contrapartida, as mulheres são vítimas diretas dessa violência masculina, passando suas vidas sendo definidas por homens que estão ao seu redor: pai, marido, filho. Além disso,

são criadas para se submeterem a essa realidade e apenas aceitá-la, sem lutar contra e vendo como a sua realização pessoal, enquanto mulher, estar dedicando-se a sustentar essas relações tóxicas.

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. (BOURDIEU, 2002, p. 63)

Quando Paloma desafia Rodolfo e defende a criação afetuosa e compreensiva que deu ao filho do casal, Andrea Doria, ela rompe com os paradigmas de comportamento esperado, descritos no livro de Pierre. Essa ruptura é exemplar na mudança necessária para o enfrentamento dos problemas que as relações masculino/feminino, alto/baixo e tantos outros exemplos em A dominação masculina (BOURDIEU, 2002).

Outra situação em que o padrão é quebrado é no caso de Inês. Inúmeras mulheres em situação de prostituição passam a vida a mercê de seus cafetões, sofrendo caladas por conta de ameaças e da violência impostas frequentemente por eles. Todavia, a tia de Sabrina não teve um final feliz, sendo brutalmente assassinada por um homem que acreditava ter direito sobre sua autonomia, corpo e liberdade.

Apesar dos fins tão diferentes, tanto Paloma quanto Inês tiveram atitudes de subversão em relação aos homens que estavam em uma posição que normalmente inspiraria superioridade. A reação de Rodolfo, ao sair de casa, e do Assassino ao acabar com a vida de Inês, demonstram que muitos homens, como descrito na obra de Pierre, não conseguem avançar da “fronteira mágica entre dominantes e dominados” (BOURDIEU, 2002, p. 51), os levando a ter atitudes violentas e esquivas para não aceitar que foram contrariados.

Entretanto, apesar dessas atitudes demonstradas pela maioria dos personagens masculinos, o fruto da criação amorosa de Paloma, Andrea Doria, é uma promessa em relação a um comportamento menos dominante de um homem. Doce e compreensivo, não violento e educado, o garoto é um exemplo de comportamento para que as relações ativo/passivo, dominante/dominado, superior/inferior sejam superadas, para uma realidade igualitária, ainda que no universo fictício.

Considerações finais

Com a análise e a pesquisa de ambos os livros, constatamos que as duas obras retratam uma face da sociedade, com base na cultura da dominação, que vem sendo construída desde nossos antepassados até os dias atuais. Percebemos também que os personagens do livro de Lygia Bojunga (BOJUNGA, 2018) têm relações que se assemelham muito com as citadas no livro de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2002).

Sendo, assim, a obra “A dominação masculina” uma parte mais explicativa do assunto utilizando a visão sociológica e comportamental de Bourdieu (2002), e a obra “Sapato de salto” uma parte mais palpável e prática dessas relações, com a narrativa de Bojunga (2018), que representa os acontecimentos que existem em nossa sociedade. Dessa forma, ambas as obras se complementam perfeitamente.

Ademais, também há exemplos de atitudes de resistência ao comportamento dominante descrito no livro de Bourdieu (2002), performada pelos personagens de Bojunga (2018). O contraste entre as obras é muito importante, refletindo mudanças que acontecem na realidade.

As obras também elucidam como o comportamento masculino influencia na vida das mulheres, onde a violência simbólica é constituída através de pautas não materiais, mas, que remetem discursos e culturas sexistas.

Existe uma construção social baseada nos comportamentos masculinos e femininos apresentados por Bojunga (2018). A questão do ser da mulher e a função exercida por ela na sociedade, é discutido desde os primórdios da sociedade. No livro, Inês atua nesse papel pela sua profissão exercida e o seu relacionamento com o Assassino no passado.

Os objetivos foram concluídos com sucesso, além do trabalho ter proporcionado uma reflexão sobre o mundo em que vivemos, e a construção de nossa sociedade.

Sugestões de outras abordagens

A forma como ambas as obras se complementam abre espaço para diversas discussões. Por exemplo, a forma como as mulheres se vestem e como isso afeta a percepção sobre suas ídoles, especialmente voltada ao sapato de salto, que, tanto na obra de Bojunga (2018) quanto de Bourdieu (2002), traz diversas interpretações.

Ademais, a temática da prostituição também é um ótimo exemplo, pois retrata muito bem a associação entre uma parte importante do enredo de Sapato de salto (BOJUNGA, 2018),

que pode ser comparada às relações de poder - e, conseqüentemente, à “compra” do acesso ao corpo feminino. Juntamente com o viés das relações de poder, pode-se abordar o abuso sexual infantil, enfatizando as experiências de Sabrina, relacionando a adultização precoce de meninas.

Referências

BOJUNGA, L. **Sapato de salto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018. 276 p.

BOJUNGA, L. In **Britannica Escola**, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Lygia-Bojunga/483121>. Acesso em: 14 jun. 2020.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p. Tradução de Maria Helena Külner. Disponível em: <https://bit.ly/392BCGj>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SENKEVICS, A. O conceito de gênero por Pierre Bourdieu: a dominação masculina. **Portal Geledés**. São Paulo, 15 set. 2013. **Questões de Gênero**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-pierre-bourdieu-a-dominacao-masculina/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SETTON, M. da G. J. Uma introdução a Pierre Bourdieu. **CULT - Revista Brasileira de Cultura**. São Paulo, 14 mar. 2010. Edição 128. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>. Acesso em: 14 jun. 2020.